Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 221

11 DE FEVEREIRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

A *Matinée* realisada nas salas da redacção do «Correio da Manhã» em 1 do corrente, a beneficio das victimas sobreviventes dos terramotos de Andaluzia

(Desenho do natural por J. Christino)

Os terriveis acontecimentos de Andaluzia não podiam deixar de serem registrados em as nossas paginas de um modo especial, dedicando-lhe todo o espaço de um numero para se lhes fazer a historia tão minuciosa, quanto permitte esse mesmo espaço.

Cremos que com isto não o tornamos menos interessante para os nossos leitores que, d'este modo, encontrarão aqui archivado o que anda disperso por tantas publicações e ainda algumas noticias e dados historicos que se poderam colher nos jornaes hespanhoes e na historia d'aquelle paiz, que não são ainda conhecidos em Portugal.

Sendo, pois, este numero de hoje dedicado aos Terramotos de Andaluzia, resolvemos fazer d'elle uma edição extraordinaria de 1:000 exemplares e offerecel-a á *Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes* para ser vendida, na proxima Kermesse que a mesma realisa no Passeio da Estrella, e o seu producto reverter em beneficio das victimas sobreviventes aos terramotos de Andaluzia.

A Direcção.

CHRONICA OCCIDENTAL

Consagrando o Occidente o seu numero de hoje ás victimas da catastrophe da Andaluzia, a nossa chronica será exclusivamente dedicada tambem ás festas caridosas que essas immensas desgraças originaram na nossa terra, sempre facil á compaixão, sempre prompta a suavisar os grandes infortunios.

Esse movimento caridoso tem sido tão geral no nosso paiz, tem sido tão unanime, que não é facil hoje, de repente, sem ter tomado dia a dia longos apontamentos, fazer uma chronica completa de todas as festas, de todas as subscripções, de todos os meios de que a caridade portugueza tem lançado mão para angariar donativos para essas pobres povoações da Andaluzia tão rudemente pungidas pela desgraça, pela miseria, pela desolação e pela fome.

Não houve no nosso paiz aldeia mais insignificante, mais obscura, que não trouxesse a sua esmola para essa grande caridade collectiva, não houve corporação, sociedade, classe, que não subscrevesse com o seu obulo mais ou menos importante para essa subscripção nacional em proveito dos nossos visinhos, e só a enumeração de todas essas esmólas quando mesmo a memoria nol-a permittisse tornal-a-hia impossivel o espaço limitado de que dispomos. Por isso a nossa chronica referir-se-ha principalmente ás festas de caridade mais ruidosas, cuja noticia chegou até nós, pedindo desde já desculpa das muitas omissões que involuntariamente teremos que fazer, e se não podemos englobar todas essas manifestações da caridade portugueza na nossa chronica, englobaremos, todavia, todas no nosso applauso enthusiastico, na nossa profunda sympathia por essa bella e grande obra, que é uma santa esmola para a Andaluzia e uma santa gloria para Portugal.

Uma das primeiras festas que houve em Lisboa, em favor das victimas dos tremores de terra, foi uma recita dada pela empreza da Trindade, com uma das melhores peças do seu reportorio.

Todos os artistas do theatro desde os mais illustres actores até aos mais obscuros comparsas fizeram expontanea cedencia dos seus honorarios n'essa noite, associando-se assim á generosa iniciativa de Francisco Palha e fazendo com que o producto d'esse beneficio se elevasse a 400$000 réis

Ao beneficio promovido pela empreza da Trindade seguiu-se o beneficio promovido pela empreza de S. Carlos.

O sr. Campos Valdez organisou esse beneficio com todo o seu fino gosto artistico, compoz um bello programma de concerto, a que os seus excellentes artistas deram uma execução primorosa, e esse beneficio ao mesmo tempo que foi uma importante esmóla caridosa foi tambem uma importante festa artistica.

O theatro de D. Maria fez tambem briosa e elegantemente uma festa para as victimas da Andaluzia. Ornamentou a sua sala de espectaculos com um grande luxo festivo: organisou um numero unico d'um pequeno e formoso jornal, a *Tragedia,* collaborado por todos os artistas do theatro e por quasi todos os nossos auctores dramaticos e homens de lettras mais conhecidos.

Nos intervallos das comedias que se representaram, escolhidas entre as mais festejadas do seu reportorio, as actrizes do theatro e os actores andaram pelos camarotes e pela sala vendendo esse jornal e o producto d'essa *venda-quête,* juntando-se ao producto das entradas no theatro, deu uma avultada esmóla para a Andaluzia.

E todos os theatros de Lisboa obedeceram ao mesmo impulso caridoso, o Gymnasio, os Recreios, o Colyseu, escolheram os seus melhores espectaculos para com as suas receitas soccorrerem o infortunio da Hespanha.

A real sociedade dos amadores de musica, uma sociedade composta de tudo o que ha em Lisboa de mais illustre em amadores musicaes, deu um explendido concerto no salão do theatro da Trindade.

O Club Gymnasio Portuguez realisou ainda ante-hontem um beneficio brilhante no Colyseu dos Recreios.

A sociedade Taborda levou ao theatro do Principe Real, a perola do seu reportorio festejado, a *Mascotte,* e deu-a ali em beneficio dos povos da Andaluzia.

A Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes organisa um sarau litterario que se effectuará no salão da Trindade, e ao mesmo tempo uma grande Kermesse que se effectuará no Passeio da Estrella logo que o tempo o permitta.

Ás horas em que escrevemos, uma outra Kermesse, promovida por uma commissão de senhoras caridosas e de cavalheiros muito conhecidos em Lisboa, está dando um aspecto extraordinariamente festivo ao Jardim Zoologico e de Acclimação.

O *Correio da Manhã,* organisou nas salas da sua redacção, na calçada do Combro, no domingo 1 de fevereiro, uma *matinée* musical-litteraria em beneficio dos povos andaluzes.

Por ter uma feição inteiramente excepcional entre nós, essa festa realisada na redacção d'um jornal, e por ter tido um brilho excepcional, mercê dos talentos brilhantes que n'ella tomaram parte, o Occidente reproduz hoje em gravura o aspecto da sala do concerto, e nós occupar-nos-hemos um pouco mais detidamente d'ella.

A *matinée* do *Correio da Manhã,* foi uma grande festa d'arte, pois tomaram n'ella parte as maiores celebridades artisticas estrangeiras e portuguezas, actualmente em Lisboa.

A celebre cantora Marcella Sembrich prestou a esse concerto o brilho extraordinario da sua voz prodigiosa e do seu raro talento artistico; a contralto Novelli, uma formosa rapariga que possue a voz de contralto mais bella e rica que ha muito tempo se tem ouvido em Lisboa; a soprano dramatica Borelli, uma estrella que se ergue nos horizontes da arte; a graciosa *mezzo-soprano* Mantelli; as illustres actrizes portuguezas Virginia e Rosa Damasceno; os dois notaveis regentes da orchestra de S. Carlos, os maestros Dalmau e Pontecchi; os dois talentosos maestros portuguezes o visconde do Arneiro, o auctor da *Diraelita,* e Augusto Machado, o auctor da *Laureana;* os distinctos cantores italianos Devoyod, Ortisi, Guille, Nanetti, Sparapani e David; os festejados actores portuguezes Brazão, João Rosa, Augusto Rosa e Valle; os afamados poetas Fernando Caldeira, Luiz Guimarães e visconde de Monsaraz; todos esses bellos talentos, todos esses grandes artistas, fizeram da *matinée* do *Correio da Manhã* uma festa excepcional, sem precedentes nas festas do mesmo genero que se tem dado em Lisboa.

As escadarias e as salas do *Correio da Manhã* estavam adornadas com uma extrema elegancia, que se comprehende desde o momento em que a ornamentação foi dirigida pelo sr. D. Luiz de Mello Breyner, um artista consummado, cujo fino gosto e alta intuição artistica são de todos conhecidos e apreciados.

No alto da sala do concerto, que a nossa gravura representa, estava, no meio d'um bosque de verdura e de formosas camelias, uma estatuã da caridade, esculptura de Simões d'Almeida, cedida generosamente pelo sr. Moreira Rato, a pedido do illustre esculptor o sr. Alberto Nunes, que tomou uma parte activa e valiosa na organisação d'essa festa de caridade.

Os alumnos do Collegio Europeu tambem organisaram no seu collegio um formoso bazar, cujo producto reverteu em favor dos pobres andaluzes.

E tem-nos com certeza escapado mais festas que se realisaram em Lisboa; e não falámos ainda dos jornaes unicos que se tem publicado, das subscripções provomidas nas secretarias d'estado, nos bancos, nas casas de commercio, nas redacções de jornaes, uma das quaes, a do *Diario de Noticias,* é já importantissima e sobe a mais de dois contos de réis; subscripções abertas por commissões particulares, festas d'assembleas recreativas, etc., etc., etc.

No Porto o movimento caridoso não tem sido menos importante nem menos brilhante do que em Lisboa.

No dia 23 do mez ultimo houve no theatro de S. João um bello concerto dado pela sociedade do Orphéon Portuense, e em que se executou o preludio da cantata *Patrie,* d'Alfredo Keil, e a symphonia da opera comica *Suzanna,* do mesmo illustre maestro amador.

A imprensa portuense organisou um grande festival no Palacio de Crystal, festival que foi muito concorrido e que produziu avultada quantia, durando dois dias, 1 e 2 de fevereiro.

No dia 1 a festa começou por uma *ouverture* executada no grande orgão da nave central, concerto pelas bandas regimentaes, exercicios dos bombeiros voluntarios n'um simulacro d'incendio e á noite illuminação nos jardins e baile de mascaras.

No dia 2 o festival constou de um bazar de prendas, grande concerto com todas as bandas regimentaes do Porto, espectaculo de gymnastica e prestidigitação no theatro Gil Vicente, manobras, exercicios de espingarda e sabre, marcha pelos alumnos da escola Frœbel, etc.

Em ambos os dias foi vendido no Palacio de Crystal um numero unico do *Porto-Andaluzia,* uma publicação collaborada por todos os jornalistas do Porto, com capa illustrada pelo sr. Sanhudo, e dedicada pela imprensa portuense aos povos da Andaluzia.

No dia 31 do mez findo, no mesmo Palacio de Crystal, inaugurou-se um bazar de prendas promovido por uma commissão de damas hespanholas e portuguezas em beneficio dos povos da Andaluzia.

N'esse bazar figuraram premios de muito valor, e entre elles uma explendida *corbeille* de velludo verde-musgo forrada de setim, adornada de magnificas rosas, e offerecida por Sua Magestade a Rainha á commissão.

Coimbra não ficou atraz das outras cidades n'este monumento caridoso; Braga organisou saraus gymnasticos e musicaes, bazares e subscripções; Elvas, Aveiro, Castello-Branco, todas as cidades, em summa, de Portugal, tanto as de maior importancia como as de menor, concorreram com donativos valiosos para essa esmola collectiva com que a nação vae soccorrer as pobres populações da Andaluzia, cuja sorte desgraçada tem enchido o mundo todo de compaixão, de compaixão que a caridade transforma n'essa coisa santa e abençoada que se chama: — *Esmola.*

Gervasio Lobato.

KERMESSE EM SEVILHA

Pela poderosa iniciativa de D. Izabel de Bourbon, acaba de realizar-se nos sumptuosos e alegres jardins do seu alcaçar, em Sevilha, uma Kermesse em beneficio dos desgraçados, que sobreviveram pobres, sem familia, e sem lar, ao cataclysmo horrendo que talou desapiedadamente a mais bella das provincias do reino visinho.

Foi uma festa cheia de attractivos e de encantos, de benções e de jubilos, em que Malaga, Granada e Sevilha disputaram entre si a palma no fervor caritativo, e no enthusiasmo cavalleiroso, com que os seus benemeritos habitantes acudiram ao generoso chamamento da ex-rainha de Hespanha.

Honra a illustre senhora, que a promoveu, e quantos concorreram para tão sympathico meio de enxugar muitas lagrimas, de alliviar muitas miserias.

Por essa occasião publicou-se em Sevilha um repositorio litterario de subido merecimento, intitulado *Granada y Malaga en los jardines del Real Alcázar de Sevilla,* cujos exemplares foram vendidos na Kermesse.

Registando gostosamente este facto, como prova da nossa elevada consideração por elle, damos em seguida alguns excerptos d'aquella publicação brilhante.

Zephyrino Brandão.

«En este mar, que alteran contrarios aquilones,
He presenciado, lleno de asombro y de terror,
El trágico naufragio de imperios y naciones
Que al viento de sus iras abandonó el Señor.

Con la mirada enjuta, aunque con mudo espanto,
He visto cómo acaban la gloria y el poder;
Pero jamás he visto, sin que me ahogara el llanto,
Al inocente, al triste y al misero caer.»

Gaspar Nuñez de Arce.

Á GRANADA

«Bajo el limpio celaje de Occidente,
Viviendo de recuerdos y de amores,
Y aspirando balsámicos olores,
Altiva alzabas tu gloriosa frente.

Palpitó de la tierra el seno ardiente,
Y cayeron tus altos miradores,
Sepultando en sarcófago de horrores
La perla del hispano continente.

Mas no será preciso levantarte
Con nuestras mismas manos de la nada,
Para que vuelva el mundo á contemplarte:

Coronando tu sierra immaculada,
Por ti vela y renace el sol del Arte
Como eterna y magnifica alborada.»

C. Fernandez de Pasalagua.

UNA VICTIMA

«Quando á pasar alegre la velada
Mis passos dirigia,
Vi una niña infeliz abandonada
En medio de la via.

Retratando una extrema desventura,
Su boca balbuciente
Imploraba con mistica dulzura
La piedad de la gente.

Soccorríla y la dije: —¿Quién te incita
A' estar aqui hasta ahora?...
Torna ya con tu madre, pobrecita,
Que por tu ausencia llora. —

Sonrisa vaga de amargura y duelo
A sus labios apunta,
Y elevando sus ojos hácia el cielo,
Dice: — Señor; es ya difunta.

¿No lo sabia usted? Murió aquel dia
Que la tierra tembló,
Y ganados y granos y alquería,
Todo se nos perdió.

Era una noche lúgubre, horrorosa,
Triste como un lamento;
Noche dada á la furia estrepitosa
De la lluvia y el viento.

Yo dormia; ella oraba. De repente
La casa se derrumba,
Y pediéndole gracia al Dios clemente
Alli encontró su tumba.

Quedé huérfana, sola, desvalida,
Sin tener ya en el mundo
Más amparo, más goce, ni más vida,
Que mi dolor profundo. —

Y echó á llorar. Yo al ver su desconsuelo,
Su gracia y corta edad,
Me acordé de los ángeles del Cielo
Y ¡envidié su orfandad!»

L. Leal Ramirez Arias.

¡Granada! ¡Málaga! ¡Albuñuelas! ¡Nombres tristes y poéticos á la vez, que hoy commueven todos los corazones! Al pronunciarlos asoman lágrimas en los ojos, muestras de la Caridad que despierta el recuerdo de la grandeza pasada, y del dolor presente!

José M. Asensio.

LOS TERREMOTOS

Commueve de placer nuestras entrañas
El ver, que, consolando ajenos males,
Vá la piedad desde las casas reales
Á barrer la miseria á las cabañas.

Campoamor.

Siempre que se hace el bien
está el corazon alegre.

Izabel de Bourbon.

Lloram su infausta suerte
Regiones bellas,
Donde estampa la muerte
Lúgubres huellas;
Y sus gemidos
Por generosos pechos
Son acojidos.

Antonia Diaz de Lamarque.

La tierra en sus entrañas despertó de su letargo aparente y sacudió su cabellera.

Sus movimientos trastornaron el suelo de las comarcas, que descansaban sobre el Titan dormido.

A' la sacudida de abago respondió arriba el grito del dolor.

A' las convulsiones de la masa correspondió el desquilibrio completo de lo que vivia tranquilo en la superficie.

En las profundidades, rugidos y fuego y movimiento: sobre la tierra, llantos, amarguras y ruinas: sobreponiéndose á todo, dominando en las alturas, aplacando los furores del mónstruo y acallando los lamentos de las victimas, un ángel.

Un ángel que hace grata la peregrinacion por el mundo, que nada quiere para sí, que vive fundiendo su existencia en la de los seres que lo imploran: un destello del Cielo: la Caridad.

Gonzalo Segovia y Ardizone.

O TERRAMOTO DE ANDALUZIA

A noite de risos e alegrias, que o christianismo festeja com os seus canticos mais alegres; essa noite em que ha dezenove seculos brilhou uma estrella fulgorante annunciando ao mundo o nascimento do Messias esperado por centenares de gerações; essa noite que, sendo noite, foi o primeiro dia da redempção, pela generosa luz que espalhou pelo mundo; essa noite tão celebrada e tão cantada pela poesia mystica, desde a singela musa popular até ao heroico poema; essa noite de paz e de amor, que resume para a grande familia christã, o anniversario mais glorioso, tambem havia de ter o seu canto de dôr, tambem havia de transformar as galas em lucto, as alegrias em pranto, a paz em desordem, os risos em terror.

Assim foi a noite de 25 de dezembro de 1884 para a formosa Andaluzia. Pelas nove horas da noite as populações de Granada, Malaga, Loja, Alhama, Albuñuelas, Periana, Torre del Mar, Arenas del Rey, Guevejar, Velez-Malaga, Torrox, Nerja, e outras povoações de menor importancia, situadas em uma superficie de aproximadamente 80:000 kilometros quadrados, foram surprehendidas por um forte abalo de terra a que se seguiram outros a curtos intervalos, e com tal violencia que os edificios caíam, a terra abria largas fendas sobvertendo o que estava sobre ella e ainda mais, nas suas repetidas oscillações, transportava-se a si propria de um logar para outro, e como se tudo isto não bastasse, por sobre ella desencadeava-se a mais horrivel tempestade nos ares.

Esta grande transformação fazia-se em menos tempo do que a pena leva a descrevel-a.

Os fortes romores subterraneos, que acompanhavam os abalos eram como que a orchestra funebre d'este horrivel espectaculo, e a esses romores juntavam-se os gritos angustiados dos vivos, os arrancos agonisantes dos moribundos, as preces ferverosas e alarmantes dos crentes, os choros das creanças, os gemidos dos feridos, e tudo se confundia com o estrondo das derrocadas que se seguiam prolongando os seus gemebundos echos aterradores, que eram correspondidos lá das alturas pelo rimbombar dos trovões. Esta tenebrosa scena que se desenrolava pela escuridão da noite, era illuminada a espaços pelos clarões dos raios que se cruzavam como projectis disparados contra o pouco que restava de pé.

É medonho, este quadro, é desolador, e a pena não o póde esboçar com todos os horrores de que elle se compoz; mas nem é preciso isso, de mais nos sensibilisa a idéa d'esta catastrophe, para que a vamos esmiuçar em todos os seus promonores de dôr e afflicção.

A melhor parte de uma provincia que já fôra um reino, está convertida em um montão de ruinas, e uma boa porção de seus filhos estão sepultados sob ellas.

Alli ficaram destruidas riquezas amontuadas durante muitas gerações; riquezas de arte, riquezas de familia, recordações queridas, que não se substituem; e a par d'isto a viuvez e a orphandade! Quantos sobreviveram para chorarem os que morreram, quantos paes procuram em vão os filhos, quantos filhos procuram em vão os paes; e antes que o tempo cautorise estas feridas rasgadas na alma, apague mais da memoria as scenas de horror que se passaram, e que os echos lugubres de tanta dôr se extingam no infinito, muito ha ainda a soffrer e a lamentar, a despeito de todos os esforços que se façam para remediar e fazer esquecer tão grande calamidade.

A'quella noite de horror e de morte seguiram-se dias de angustia e desconforto. Os tremores repetem-se diariamente, e cada dia cahem por terra mais edificios, fazendo novas victimas e augmentando o pavor dos sobreviventes a ponto, de abandonarem completamente as poucas habitações que ainda se conservavam ilesas, indo acampar onde improvisaram barracas com os despojos que poderam colher d'entre as ruinas.

Poderá chamar-se áquelles campos cobertos de miseraveis tendas, campos de egualdade, porque os pobres e os ricos, os nobres e os plebeus se confundem e fraternisam na desgraça que a todos colheu por egual, sendo certo que nada ha que mais aproxime a humanidade que a desventura.

Quando a propria natureza se revolta contra a creatura, quando debaixo dos pés se abrem precipicios, e quando do ceu se desprende a tormenta, o que resta á humanidade?! Unir-se, fortificar-se comsigo propria para melhor poder resistir á furia dos elementos que contra ella conspira.

Foi o que aconteceu.

* * *

Em Loja, que ficou quasi destruida, os habitantes da cidade e dos *Cortijo de la Parrilla, Cortijo del Pilar, Cortijos de Alcandique* e *Rios* armaram barracas no *Passeio Publico*, onde se alojaram, mal defendidos da intemperia que, para cumulo de desgraça, tem sido violenta.

Ao centro d'este acampamento vê-se de pé, o monumento com a estatua de Narvaez. Foi junto ao monumento que se levantou um modesto altar para se dizer missa e á noite resar o terço. Tambem se instalou uma barraca para o serviço telegraphico. A auctoridade civil funcciona em um wagon do apeadeiro de S. Francisco.

Diz o periodico *El Defensor de Granada*, que o alcaide de Loja se tem tornado digno de especial menção pela inexcedivel solicitude com que tem cuidado dos desgraçados lojenses, desenvolvendo uma infatigavel actividade para soccorrer e providenciar quanto possivel, não só no districto que lhe compete, mas encarregando-se ainda de enviar soccorros para Alhama y Zafarraya.

O numero de mortos e feridos graves, em Loja, é de 16. As habitações poucas restam de pé, e essas mesmas estão deshabitadas porque o povo aterrado pelos successivos abalos que diariamente se repetem, prefere ficar nas barracas a ir para as suas casas, aquelles que as teem.

* * *

Em Alhama os effeitos do terramoto foram mais terriveis. O numero de mortos ascende a 470, e o dos feridos a 324. A cidade de Alhama tinha 1:757 casas e agora só restam cerca de 250 pela maior parte arruinadas, as quaes será preciso demolir.

A principal riqueza de Alhama era a sua agricultura, e essa riqueza que constituia os haveres dos seus 10:000 habitantes, ficou toda perdida, manifestando-se a fome em seguida á catastrophe.

A rua *Alta de Mesones* representada em uma das nossas gravuras, dá perfeita idéa do estado a que ficou reduzida a cidade depois dos successivos abalos que, principiando em a noite de 25 de dezembro, foram cada dia augmentando as ruinas com novas derrocadas.

O desenho que copiamos da *Ilustracion Española y Americana* magnifico periodico que se publica no paiz visinho, foi feito do natural por um desenhador granadino, sr. Medina, no dia 5 de janeiro, ou 11 dias depois do primeiro terramoto.

O convento das religiosas de Santa Clara, foi dos primeiros edificios que cahiram em a referida noite de 25, salvando-se as religiosas, não sem

alguns ferimentos, vindo abrigarem-se em umas toscas barracas armadas em uma horta proxima denominada *El Castillo*.

As perdas dos edificios são calculadas em réis 1.000:000$000.

E assim ficou reduzida á maior penuria a bella Alhama uma das mais ricas cidades da provincia de Granada.

D. Affonso XII visitou-a no dia 11 de janeiro e passou lá uma noite no estabelecimento balneario que era o que offerecia, porventura, mais segurança. Na manhã seguinte sentiu-se um forte abalo de terra que felizmente não augmentou o numero de desgraças. O rei passou minuciosa revista a toda a cidade e visitou os feridos nos hospitaes de sangue, improvisados em desconfortaveis tendas, distribuindo soccorros pecuniarios aos pobres.

Entretanto estes soccorros dispensados pelo monarcha poderam mitigar um pouco a grande afflicção d'aquelle povo, mas a cidade jaz em ruinas, e ainda não se sabe como levantal-a.

Pobre Alhama.

*
* *

A pequena povoação de Albuñuelas, que contava 558 fogos, ficou tambem quasi perdida. O terramoto matou 102 pessoas e deixou feridas 500. Destruiu completamente 362 casas e arruinou 146.

A gravura que publicamos com respeito a esta povoação, reproduz as ruinas da desventurada Albuñuelas, nas proximidades do convento ou egreja velha. Apresentamos ainda uma outra gravura de Albuñuelas que dá o aspecto de uma rua, em que as casas não tendo cahido ao primeiro abalo,

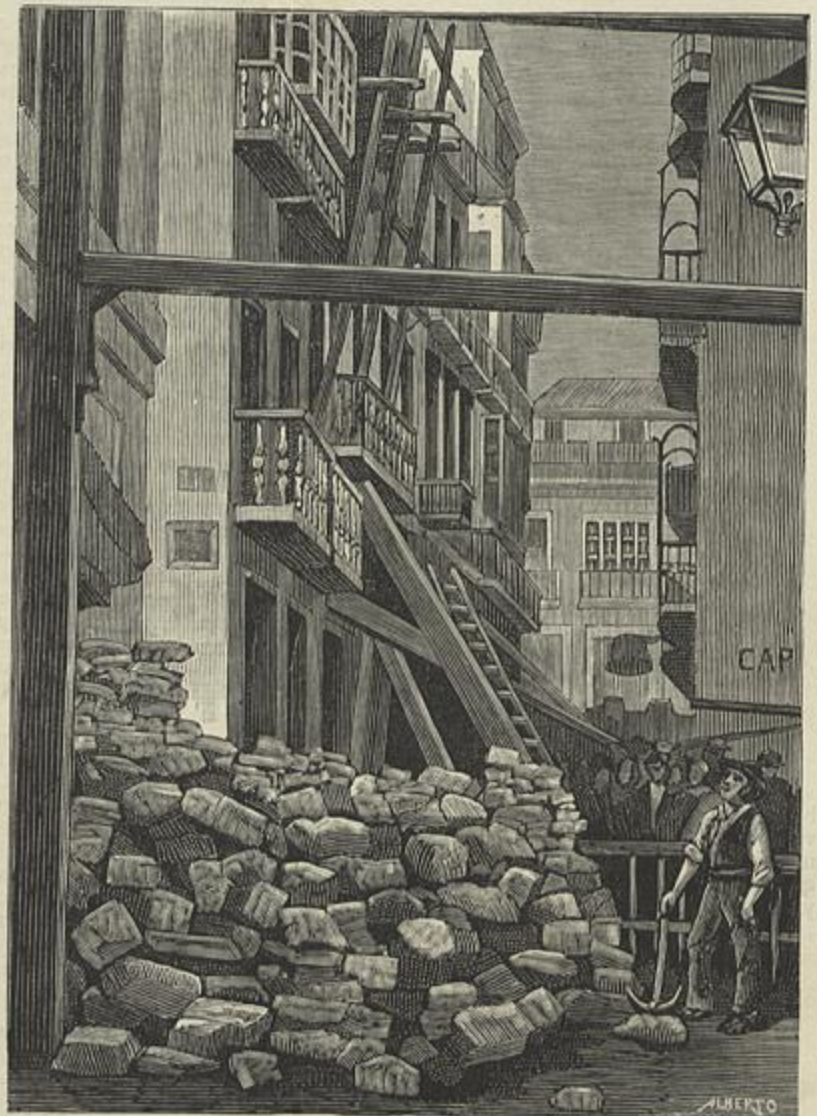
PERIANA — Ruinas da egreja parochial de Santo Isidro
(Segundo um desenho de Comba, publicado na *Ilustracion Española y Americana*)

se desaprumaram, obrigando os seus habitantes a abandonal-as, antes que lhe cahissem em cima. Apesar d'esta prevenção ainda houveram victimas, porque alguns habitantes não tendo tido essa prudencia, ficaram sepultados nas ruinas quando as casas cahiram, com os repetidos tremores qne se succederam.

*
* *

Os terramotos em Malaga, não são, infelizmente uma novidade sem precedentes. Quando em 1755 succedia o terramoto de Lisboa, tambem em Malaga occorria um forte terramoto a 27 de novembro d'aquelle anno. Esse terramoto que causou muitos damnos e fez grande numero de victimas, estendeu os seus effeitos até Torrox, Velez-Malaga e Estepona. A 16 de julho de 1767 outro terramoto fez tambem grandes prejuizos nos edificios e victimou muitas pessoas. Outro terramoto, ainda assolou Malaga, em 25 de agosto de 1804, quando aquella cidade estava passando pelo mortifero flagello de uma epidemia de febre amarella, que deu a morte a 11:464 dos seus habitantes. Uma testemunha presencial da epocha diz: «este tremor de terra deixou a cidade por muitos dias, mais com a aparencia de um cemiterio do que com a de um logar habitado.»

O tremor da noite de 25 de dezembro ultimo, foi de uma violencia espantosa. Ao primeiro abalo que durou 3 segundos seguiram-se outros com breve pausa, mas ainda mais fortes que o primeiro, manifestando-se logo a derrocada de grande numero de edificios, sem dar tempo aos habitantes fugirem á morte inevita-

ALBUÑUELAS — Ruinas de uma rua
(Segundo um desenho de Medina, publicado na *Ilustracion Española y Americana*)

MALAGA — Aspecto da rua de Granada
(Segundo photographia de D. J. Oses)

TERRAMOTOS DE ANDALUZIA

ALBUÑUELAS — Estado a que ficou reduzida a povoação, depois do terramoto (Segundo um desenho de Medina, publicado na *Ilustration Española y Americana)*

ALHAMA — A *Rua Alta de Mesones,* depois do terramoto (Segundo um desenho de Medina, publicado na *Ilustracion Española y Americana)*

vel, isto mesmo admittindo que tivessem logar seguro onde refugiarem-se, quando a terra oscilava e se abria debaixo dos seus pés.

Uma das gravuras que publicamos representa o estado em que se acha uma das principaes ruas de Malaga, denominada rua de Granada. Alli abateram um grande numero de casas e das que ficaram em pé foi preciso escoral-as, sendo mister, talvez, depois demolil-as.

O convento do Anjo ficou todo desaprumado ameaçando um perigo eminente e por toda a cidade se observa a mesma desordem e o mesmo perigo.

El-rei D. Affonso visitou Malaga no dia 17 de janeiro findo, depois de ter visitado Antequera, outra povoação que tambem soffreu com o terramoto.

Em Malaga os habitantes procuraram, nos primeiros dias que se seguiram ao terramoto, e durante o tempo em que os abalos se repetiram com mais violencia, o abrigarem-se dentro de carruagens, que alugavam a seus donos, dando-se então algumas exigencias usurarias, muito para sensurar em tal situação. O que se deu com isto, repetiu-se com os comestiveis, e por sobre estes males, principiou a manifestar-se a pilhagem, d'onde se póde concluir que, se a providencia é muitas vezes mysteriosa em seus designios, permittindo calamidades tão grandes como a que cahiu por sobre a pobre Andaluzia, a humanidade que instinctivamente tem de respeitar essas calamidades que lhe vem do ignoto, e render graças pelos que lhe escapam, não deixa de aproveitar a boa sorte, aquelles que a tem, para ainda prolongar as consequencias da calamidade por o seu proximo mais infeliz, com a ambição egoista e mal cabida no meio da miseria do seu semelhante.

O terramoto fazendo tantas victimas, esqueceu aquelles miseraveis. Talvez tivesse tedio de lhes tocar.

*

* *

Como Alhama, Albuñuelas e as mais povoações de que deixamos descriptos os terriveis effeitos do terramoto, temos Periana, uma formosa e alegre povoação que desfria as suas *malagueñas* ao explendoroso sol de Andaluzia ou ás suas mornas noites de luar.

Não mais cantarás, Periana!

As tuas *bandurras*, as tuas *pandaretas* ficaram em pedaços debaixo dos teus telhados, e as mãos que as tocavam e agitavam no ar, n'uma languidez esbraseada impulsionadas por almas de fogo, jazem inertes sob as ruinas ou levántam cadaveres de entre as derrocadas para lhe darem sepultura propria.

Periana ficou arrasada.

Os telhados das suas casas estão todos ao nivel do chão. Como nas demais povoações o tremor surprehendeu os habitantes mal lhe dando tempo para fugirem para os campos proximos, fuga que não evitou de serem colhidas pelos desabamentos 120 pessoas entre a parte alta do povoado e a baixa que mais soffreu. Na casa do alcaide morreram 5 pessoas incluindo a mãe d'este.

N'aquella noite de confusão em que todos pediam soccorro e que nas ruas mal firmes a população corria em todas as direcções, atropelando-se, cahindo nos barrancos que a cada momento se formavam com os entulhos dos desmoronamentos, um homem houve que merece especialisar-se, pela coragem e intrepidez com que acudia de uma parte á outra onde os gritos de soccorro chamavam o seu auxilio. Esse homem é D. Manuel Jimenez, alferes da guarda civil, que seguido de cinco dos seus guardas desenvolveu uma actividade incansavel, retirando os mortos d'entre as ruinas, soccorrendo os feridos e levando-os a logar mais seguro, e n'isto passou noites e dias sem descanço nem treguas, porque em cada hora se augmentavam motivos para a sua solicitude.

Quando D. Affonso visitou Periana, galardoou os dedicados e humanitarios serviços d'este official, elevando-o ao posto immediato por distincção. Horrosa distincção de que muito se deve orgulhar o valoroso official, que sem disparar um tiro nem incitar os seus subordinados ao combate, combateu pela vida do proximo, arrancando á morte tantos infelizes, pela bravura com que lhe acudia.

O *Diario Mercantil* de Malaga conta o seguinte de uma testemunha presencial.

«Estava eu em uma casa pouco distante da povoação, quando se sentiu um ruido extranho, que parecia partir da serra ao sopé da qual assenta Periana, ruido que pouco a pouco foi augmentando até sentir-se uma forte oscilação, que foi o principio de uma serie de movimentos que sacudiram a terra na direcção de N. O., em resultado dos quaes as casas desappareciam n'um monte de ruinas.»

Um guarda civil foi colhido pela torre da egreja, quando sahia do quartel e se dirigia a casa de sua noiva. Achou-se subitamente involvido e subterrado pelas paredes que desabaram por sobre elle, não sendo possivel tiral-o de entre ellas a tempo de o salvarem, porque a cada momento se desprendiam novos fragmentos das paredes ameaçando de morte quem se lhe aproximasse. Entre esses fragmentos das ruinas havia um sino mal seguro que por fim tambem se despenhou da altura da torre que com elle abateu.

Este desolador quadro faz o assumpto de uma das nossas estampas, que representa as ruinas da egreja parochial de Periana, onde se vê que só ficou de pé uma das paredes lateraes da torre, jazendo por terra o resto do edificio. No primeiro plano vê-se o sino a que nos referimos.

O parocho de Periana que ao tempo que se deu o terramoto, estava em uma povoação visinha, correu persuroso ao logar do sinisto e dirigiu-se a sua casa onde estava sua mãe, e alli teve a maior das afflicções ao vêr a casa destruida e com ella sua pobre mãe sob as ruinas. Fez esforços heroicos para remover os entulhos a fim de d'entre elles salvar a auctora dos seus dias, mas baldado empenho, só conseguiu abraçar um cadaver. A pobre senhora tinha succumbido. Como esta muitas outras scenas se deram por toda a parte onde os terramotos levaram a sua obra de destruição, e o leitor bem poderá imaginal-as sabendo a grandeza de proporções que teve este cataclysmo.

Periana tinha 800 casas das quaes desappareceram 700 perecendo 45 dos seus habitantes e sendo grande o numero de feridos.

D. Affonso visitou esta povoação no dia 18 de janeiro, dispensando largos soccorros aos seus desgraçados habitantes.

*

* *

Os desastres em Arenas del Rey não foram inferiores aos que deixamos descriptos. Pessoas que visitaram aquella povoação, affirmam que nem uma só casa ficou de pé, sem exceptuar a egreja e a casa do parocho, um antigo e solido edificio. O numero de victimas foi de 133 mortos e 253 feridos, sendo 1:366 o numero de habitantes. A visita de D. Affonso a Arenas del Rey verificou-se em 12 do mez findo, debaixo de uma tempestade violenta em que ora se despenhavam cataratas de agua ora cahiam grossos flocos de neve.

Rompendo com a intemperia proseguia o rei e sua comitiva de cerca de 50 pessoas, a levar soccorros aos infelizes que jaziam em miseraveis barracas ou no hospital, os que estavam feridos. O hospital constava de uma mal defendida barraca onde mal se accommodavam 43 feridos, a maioria dos quaes, sem esperança de vida.

N'este hospital havia falta de remedios e por isso os doentes estavam privados do tratamento necessario; El-Rei acudiu a esta falta com a sua botica, mandando ao medico, que d'ella extrahisse os remedios que precisasse e que podessem utilisar aos doentes.

D. Affonso visitou toda a povoação assim como o hospital, animando os doentes com palavras de consolação e deixando 2:500 pesetas para occorrer ao tratamento dos enfermos.

Visitou tambem o parocho, que se acha gravemente enfermo, pelo muito que trabalhou nos primeiros dias dos terramotos, acudindo e salvando muitos dos seus parochianos com uma verdadeira caridade christã. A este deixou D. Affonso 2:000 reales para serem distribuidos pelos pobres e a promessa de que mandaria levantar, de seu bolso particular, a egreja parochial. Aos deputados d'aquella povoação os srs. Campos Cervetto e Gomez Tortosa deixou tambem el-rei 10:000 reales para em seu nome os distribuirem pelos pobres.

D. Antonio Diaz Barrientos, tenente de caçadores de Cuba, conseguiu erigir uma capella rustica para n'ella se celebrar missa, aproveitando para isso algumas imagens salvas d'entre as ruinas e dispondo-as conforme mostra a nossa estampa da 8.ª pagina.

Por acharmos curiosa esta capella improvisada no meio do campo, para onde a população se foi refugiar em miseraveis barracas, por isso a reproduzimos, o que não deixa de completar o quadro de afflicção em que aquelle pobre povo se tem visto.

*

* *

Agron, pequena povoação situada entre Arenas del Rey e Ventas de Huelma tambem soffreu com os terramotos, perdendo uma boa parte das poucas casas de que constava a aldeia. Os habitantes aterrados fugiram para o monte de Pera, distante um quarto de legua da aldeia. Felizmente não houve victimas, mas a miseria tambem é grande.

D. Affonso na sua visita ás terras victimadas pelos terramotos, tambem alli passou e lhes dispensou o seu auxilio em avultada esmola.

*

* *

Em Guevejar os terramotos produziram além dos destroços nas habitações, um phenomeno geologico muito curioso.

A povoação assenta em uma ladeira e sobre camadas de terra argilosa. A 500 metros da povoação corre o rio denominado Cogollos e a partir d'elle, abriu-se, pelo tremor de terra, uma profunda greta que na direcção de noroesta, rodeia toda a povoação, subindo pelo cêro chamado Cartillejo e seguindo em direcção ao mesmo rio. Esta greta, sondada, mostrou uma profundidade superior a mil metros.

O logar habitado pela povoação tem descido progressivamente para o rio, e os terrenos que demoravam por detraz, tem crescido de uma maneira muito apreciavel.

Os habitantes tem-se albergado em Pulianas, Calicasas, Cogollos, Peligros e outras povoações visinhas, porque as suas casas estão de todo perdidas e d'ellas só poderam salvar as suas mobilias e os seus celeiros. Foram assim mais felizes que outros que perderam tudo, inclusivé a vida. Torna-se impossivel reedificar esta povoação, porque o terreno não offerece estabelidade e porque a unica fonte que havia se seccou.

Um outro phenomeno singular se deu em Guevejar, e foi que, uma oliveira se dividiu em duas partes junta com o terreno onde estava enraizada, e com tanta perfeição se operou este phenomeno, que as duas partes ficaram de pé, uma em frente da outra a distancia apreciavel. Algumas arvores enterraram-se pelo chão abaixo mostrando á superficie do solo a suas copadas viçosas.

Estes phenomenos geologicos repetiram-se ainda em outros logares. Assim na falda da serra Tajeda que se liga com as das serras de Jata e de Albuñuelas, abriu-se uma larga fenda no terreno, de 3 metros de largura n'um comprimento de cerca de quatro leguas até Zafarraya.

Mais se refere que na serra de Zafarraya proximo de Periana havia um casal que desappareceu pela terra abaixo em a noite de 25 de dezembro, e que escavando no sitio o encontraram perfeitamente intacto, salvando ainda alguns animaes domesticos, unicos viventes que alli se achavam.

*

* *

Resta-nos ainda falar de outras povoações de menor importancia, onde o terramoto fez tambem consideraveis estragos e não menos victimas.

Em Ventas de Zafarraya houve 73 mortos e 28 feridos; Santa Cruz de Alhama, 13 mortos e 8 feridos; Zafarraya, 34 mortos e 86 feridos; Murchas, 9 mortos e 12 feridos; Jayena, 17 mortos e 5 feridos; Olivar, 4 mortos e 3 feridos; Alar, 1 morto e 20 feridos; Cajar, 1 morto; Zubia, 1 fedo; Jatar, 2 mortos e 11 feridos; Cañar, 1 ferido; Jardales, 1 morto; Capileira, 2 feridos; Motril, 1 morto; Loja, 5 mortos e 30 feridos. Total, 695 mortos e 1:480 feridos.

O numero de casas destruidas é tambem tristemente eloquente. Em Alhama, 1:302 casas destruidas e 280 arruinadas; Albuñuelas, 362 e 146; Arenas del Rey, 160 destruidas; Santa Cruz, 164 destruidas e 46 arruinadas; Zafarraya, 72 e 203; Murchas, 80 e 9; Jayena, 100 destruidas; Caciar, 87 e 12; Turro, 72 e 17; Ventas de Zafarraya, 96 e 53; Salar, 30 e 145; Cajar, 43 arruinadas; Zubia, 25 arruinadas.

Esta breve estatistica, que não é ainda a ultima palavra sobre os terramotos da Andaluzia, porque elles continuam com maior ou menor violencia e a espaços mais longos, é verdade, mas nem por isso deixando de produzir novos desabamentos e novas victimas, dá já uma idéa tristemente verdadeira da extensão que teve a catastrophe e das suas desoladoras consequencias.

El-rei D. Affonso XII visitou todas as povoações que foram victimas dos terramotos, e a todas distribuiu soccorros e animou com a sua presença. A viagem, que durou uns quinze dias, fel-a toda debaixo de rigoroso tempo, em que a chuva e a neve cahiam quasi sem treguas.

*
* *

Resumimos aqui a breve historia dos terramotos da Andaluzia, onde necessariamente haverá omissões de alguns pormenores de menos importancia e de aquelles que não tenham chegado ao nosso conhecimento, pois repetimos: ainda se não disse a ultima palavra.

Só mais tarde se poderão reunir as noticias até hoje publicadas, as indagações a que se está procedendo e os depoimentos de testemunhas presenciaes do facto, e então se formará a historia completa, com todas as minuciosidades das funestas consequencias da catastrophe.

C. A.

A FESTA DO "CORREIO DA MANHÃ"

Na esplendida *matinée* realisada pela redacção do *Correio da Manhã* nas suas salas, foram recitadas as seguintes poesias, expressamente compostas para aquelle fim pelos distinctos poetas que as firmam.

No desejo de reunirmos em este numero o que de mais notavel se produziu em beneficio dos pobres andaluzes, aqui pedimos venia aos seus auctores para publicar essas poesias, archivando-as em nossas paginas como manifestações brilhantes, inspiradas pela dôr que em corações portuguezes despertou a calamidade da Andaluzia.

A ANDALUZIA

Joven, formosa e triumphal vivia,
Attrahindo a seus pés ideaes façanhas,
A predilecta filha das Hespanhas,
Bem sabeis o seu nome: a Andaluzia.

Ciosa a terra, as tumidas entranhas
Abriu. De um trago, á moça que sorria,
Todas as flores devorou n'um dia,
E — n'um minuto só — glorias tamanhas!

Escarnecida, exhausta, desnudada,
A princeza da graça, a airosa fada,
Invoca o ceo n'um desespero insano...

Protegei-a! Mais rigida e mais forte
Que o voraz cataclysmo e a negra morte,
Tendes uma arma: o coração humano!

Luiz Guimarães.

HOJE E ÁMANHÃ

I

Andaluzia formosa,
como é que Deus o consente?!
De entre as rendas côr de rosa
da cortina transparente
d'esse berço de alegria,
rompem gritos de agonia,
que aprendeste de repente,
tu, que sabias sómente
cantar, cantar noite e dia!...
Como é que Deus o consente,
ó formosa Andaluzia?!...

II

É que ao estoirar a montanha
os condores da desgraça,
que lhe irromperam da entranha,
rasgam as veias de Hespanha
com sede de sangue de raça.

III

Por isso, noite calada,
quasi em lagrimas a aragem
geme como alma penada
de algum triste abencerragem
pelos muros de Granada...

Por isso as mãos que só, antes,
se erguiam arrebatadas
nos requebros provocantes
das tuas *Jotas*, coitadas!
limpam olhos lacrimantes.

Por isso morrem de penas
as tuas pallidas filhas.
Aquellas faces morenas
sabiam sorrir apenas
sob os leques e as mantilhas.

Por isso ver hoje os bellos
olhos de um rosto andaluz,
é ver luzeiros, mas vel-os
queimar os brancos *panuelos*
com prantos em vez de luz.

Por isso as villas desabam
e teus jardins e pomares
e castellos seculares...
Com teus cantares acabam
os echos dos teus cantares...

IV

Não acabam, não; descança,
ó desventurada irmã,
que é fatal esta alliança.
Não ha dôr sem esperança,
nem *hoje* sem *ámanhã*.

Fernando Caldeira.

INVOCAÇÃO

Uma dôr que nem tem nome!
A miseria, o frio, a fome,
o terror, a morte, o luto...
Tudo! Uma dôr que os consome,
obra apenas de um minuto...
e... uma dôr que nem tem nome!...

Oh! Piedade, ó Deus! Piedade
para a mal viva metade
que inda lá, de porta em porta,
nos entulhos da cidade
procura a outra mal morta...
Oh! Piedade, ó Deus! Piedade!

Fernando Caldeira.

A LAGRIMA DE DEUS

Correndo com o olhar celeste cada estrella,
Enamorou-se Deus da que era mais singella,
Da que mais pobre e triste aos olhos parecia.
E elle disse-lhe: «Terra, eu dou-te o que quizeres,
Dou-te a joia mais bella, ó bella entre as mulheres,
Minha estrella gentil.» — E deu-lhe a Andaluzia!

E dentro d'essa joia, a Terra triumphante
Sentiu o coração do seu divino amante
A trasbordar d'amor, de luz e de harmonia.
E do throno real, feito de primaveras,
Disse, affrontando o olhar ciumento das espheras:
«Sou mais que todas vós — é minha a Andaluzia!»

Essa amante infiel, talvez por outro amor,
Alguns tempos depois, por outro amor talvez,
Atraiçoou vilmente o seu leal senhor,
Quebrando o juramento augusto que lhe fez.

Ás faces lhe arrojou, n'um medonho escarceu,
Em mil pedaços feita, a joia preciosa;
Terrivel, subverteu paisagens côr de rosa,
Soberbas cathedraes voltadas para o ceu;
Epopeias d'amor vibrando em cada estilha,
Montes a cujos pés se espreguiçava o mar,
Diamantes e soes radiando n'esse olhar
Das morenas gentis de Alhama e de Sevilha.

Fundiu n'um choro amargo os hymnos da alegria;
E essa amante feroz mandou aos cataclysmos
Que viessem sepultar no horror dos seus abysmos
A perola que Deus lhe dera — a Andaluzia.

No luto que se fez em torno d'essa cova,
Uma baga de pranto, uma perola nova
Lenta se desenrola.
E' a lagrima de Deus, piedosa, magoada...
Alevantae-a vós, e em oiro transformada
Vertei-a sobre a Hespanha afflicta.—Santa esmola!

Jayme Victor.

Notas geographicas e historicas de algumas povoações victimas dos terramotos da Andaluzia

A cidade de Loja está situada em o valle de Genil, entre as serras denominadas Periquetas e El-Hacho, a uns 45 kilometros de Granada, capital da provincia. Seja ou não a antiga *Alfella* ou a romana *Ilipula*, citada por Plinio com o sobrenome do *Lans*, pertencia ao reino de Granada em 1226, quando foi tomada de assalto por D. Fernando III de Castella e de Leão, que a abandonou por ser muito difficil conserval-a, depois de lhe arrazar os muros. Em 1234 foi occupada por Ebn Alhamar III, rei granadino; e dois seculos depois, em 1430, foi sitiada sem resultado pelas tropas de D. João II.

Depois da victoria de Alhama, el-rei D. Fernando, o *Catholico*, tentou apoderar-se de Loja, cujo alcaide era então o valoroso Aliatar. A expedição real que se organisou em Cordova nos meiados de junho de 1482, chegou á vista da praça no 1.º dia do mez seguinte; os caudilhos castelhanos não acceitaram o plano dos capitães andaluzes, que conheciam melhor que elles a maneira de guerrear com os mouros, e o exercito christão cahiu em uma embuscada da cavalleria musulmana, onde ficou completamente perdido.

N'aquella embuscada morreram muitos illustres capitães, e entre elles o grão-mestre de Calatrava, D. Rodrigo Tellez Giron, um dos jovens cavalleiros que mais brilhava na côrte pela sua gentileza e valor. Quando o exercito christão, amedrontado por aquella inesperada derrota, emprehendeu a retirada, a cavalleria musulmana perseguia-o com tão encarniçada furia, que o proprio rei D. Fernando se achou cercado pelo inimigo, que o intimava a que se rendesse, e teria ficado prisioneiro se o nobre marquez de Cadiz, D. Rodrigo Ponce de Leon, não viesse em seu auxilio, com inexcedivel bravura, livral-o d'entre os mouros, correndo o risco de ficar morto ou captivo.

O exercito castelhano, porem, depressa se recompoz e proseguiu em suas conquistas. Tomou Lucena, em 21 de abril de 1483, fazendo prisioneiro a Boabdil, *el Zogoibi* (o desafortunado); em seguida tomou as fortalezas de Zahara, Coin, Cartáma e outras, incluindo o imponente castello de Ronda; sitiou por fim Loja, e então a fez render por capitulação de 29 de maio de 1486.

Foi n'este ultimo e heroico feito que fez as suas primeiras armas um joven andaluz que se havia de tornar celebre pelo seu valor e intrepidez, e que é conhecido na historia com o nome de Gonzalo Fernandez de Cordoba, o heroe das guerras de Italia.

Loja possue, sobre tudo, notaveis monumentos religiosos, taes como a igreja da Encarnação, que foi mesquita dos mouros, e depois, segundo a tradição, consagrada pelo cardeal de Hespanha, D. Pedro Gonzalez de Mendoza, que já era arcebispo de Toledo, e enriquecida com vasos e paramentos sagrados pela rainha D. Isabel I; e as igrejas de S. Gabriel e de Santa Catharina, fundadas pelos reis catholicos.

Ainda hoje se vêem em Loja os restos das suas antigas muralhas e dos castellos de Alcazaba e da Zagra. São pittorescamente celebres os logares denominados *Infiernos de Loja.*

*
* *

Alhama, a famosa *Astigi* dos romanos, chamada *Juliense* em homenagem a Cesar, era no seculo XV uma das cidades mais ricas do reino de Aben Ismail e de seu filho, successor no throno de Granada, Muley Abul Hacen. Os chronistas castelhanos e agarenos que cita D. João Antonio Conde na sua *Historia de la dominacion de los árabes en España*, são todos concordes em dizer que «Alhama tinha a magnificencia e a belleza d'um logar real.»

Era celebre e rica pelas suas fabricas de pannos finos e por suas aguas thermaes, d'onde deriva o nome de Alhama (banho). Essas aguas eram exploradas pelos reis granadinos, e o seu producto annual attingiu a enorme somma de quinhentos mil ducados.

Muley Abul Hacen insurgiu-se contra o poder de Castella, e quando o embaixador D. João de Vera lhe veiu reclamar os tributos a que se tinha obrigado para com Castella, lhe respondeu: — «As fabricas de Granada já não fabricam oiro, mas só ferro e aço para exterminarmos os nossos inimigos.» — Depois rompeu a paz e surprehendeu, em a noite de 26 de dezembro de 1481, a fortaleza de Zahara, passando ao fio da espada a sua guarnição e levando captivos para Granada homens e mulheres, velhos e crianças. Foi ainda o marquez de Cadiz que reconquistou Alhama. Reunindo em Marchena gente escolhida de cavalleria e infanteria, poz-se em marcha durante trez dias e trez noites, procurando os caminhos mais escusos, e sem que a sua propria gente soubesse ao que ia, chegou defronte de Alhama á meia noite de 27 de fevereiro de 1482, ou dois mezes depois da surpreza de Zahara.

Antes de amanhecer alguns soldados mais atrevidos, escalaram os muros e foram surprehender

ARENAS DEL REY — CAPELLA PROVISORIA LEVANTADA POR D. ANTONIO DIAZ BARRIENTOS
(Segundo um desenho de Comba, publicado na *Ilustracion Española y Americana*)

as sentinellas mouras que desarmaram, abrindo em seguida as portas por onde entrou o grosso do exercito.

Ainda que os mouros defenderam heroicamente a cidade e que sobre os christãos cahia azeite a ferver lançado das janellas e telhados das habitações por mulheres e creanças, semeando a morte entre os invasores, o exercito christão apoderou-se da cidade e da fortaleza, fazendo pagar bem caro a audacia do rei mouro.

Hita, o auctor de *Guerras civiles de Granada* insere n'este livro o seguinte romance, composição de algum poeta granadino, e que foi prohibido de se cantar no reino de Granada, pelo rei Muley Abul Hacen.

Paseavase el rey moro
Por la ciudad de Granada,
Desde las puertas de Elvira
Hasta las de Bivarambla
¡Ay de mi, Alhama!

Cartas le fueron venidas
Que Alhama era ganada;
Las cartas echó en el fuego,
Y al mensajero matava.
¡Ay de mi, Alhama!

Hombres, niños e mujeres
Lloran tan grande perdida,
Lloravan todas las damas,
Cuantas en Granada habia.
¡Ay de mi, Alhama!

Por las calles y ventanas
Mucho luto parescia;
Llora el rey como fembra
Que es mucho lo que perdia.
¡Ay de mi, Alhama!

O rei mouro pertendeu de novo retomar Alhama pondo-lhe por duas vezes cerco, e de qual d'ellas o mais forte, auxiliado com poderosas machinas de guerra, mas as forças castelhanas repeliram heroicamente os sitiantes, e a cidade continuou no dominio de Castella. N'esses dois cercos prestaram valioso auxilio o duque de Medina-Sidonia e o marquez de Cadiz, e o proprio rei D. Fernando avançou com o seu exercito sobre os sitiantes, pondo-os em debandada, até aos campos de Lucena.

Alhama foi a primeira conquista dos reis catholicos na guerra contra os mouros, e deve o não ter sido arrasada, conforme era opinião de D. Fernando e seus conselheiros, á opposição que a rainha D. Isabel I fez a esta resolução, desejando conservar sob a bandeira de Castella a primeira cidade conquistada pelo exercito christão e em que o marquez de Cadiz e o duque de Medina-Sidonia, dois inimigos declarados, tinham deposto sobre o altar da patria as suas rivalidades, para se auxiliarem na conquista de Alhama.

E assim foi conservada Alhama, reparados os estragos feitos pela guerra, consagradas as suas mesquitas para templos christãos, e foi esta o ponto de partida para as gloriosas conquistas das armas de Castella e Aragão.

Alhama está situada 45 kilometros ao SO. de Granada.

*
* *

A historia de Albuñuelas é mais breve.

Levanta-se esta povoação na extremidade S. E. da serra da Almijara á esquerda do barranco chamado Rio Santo, e a uns 15 kilometros de Granada. É povoação antiquissima, mas a sua historia não offerece nada de extraordinario.

Constava de tres bairros, o Alto, o da Egreja e o Baixo, com 558 fogos ao todo. A sua egreja muito antiga era do oraculo de S. Pedro de Alcantara, e pertencia a um convento fundado pelo arcebispo de Granada em 1742.

*
* *

Malaga é uma das mais importantes cidades de Hespanha e foi fundada pelos phenicios, a quem a conquistaram os arabes em 724, dominando-a durante o longo periodo de sete seculos.

Feriram-se n'ella sangrentas batalhas antes que ficasse em poder dos castelhanos, em 1487, o que aconteceu por toda a peninsula, quando os christãos quizeram varrer d'ella os sectarios de Mafoma.

Possue sumptuosos edificios e entre outros, como mais rico e magnificente, a sua vasta cathedral que tem resistido aos terramotos que por mais de uma vez tem produzido em Malaga os seus terriveis effeitos, como se poderá ler em o artigo «Terramotos de Andaluzia» que publicamos em outro logar d'este periodico.

A sua população é de 70:000 habitantes e é capital da intendencia de Malaga.

Tem um magnifico porto de mar sobre o Mediterraneo, collocado entre Cadiz e Granada.

Uma das suas producções mais notaveis é o seu afamado vinho, conhecido em todo o mundo como um dos mais superiores da peninsula.

*
* *

De Agron e Ventas de Huelva poucas noticias historicas existem.

Agron dista uns 15 kilometros de Alhama e acha-se edificada a curta distancia das ruinas de *Agron el Viejo* onde existem vestigios de edificações arabes. Só tem de notavel a nova egreja parochial dedicada a Santo Isidro.

*
* *

Velez-Malaga assenta na falda de uma suave collina e estende-se por uma extensa planicie regada pelas aguas do Velez.

Foi retomada pelos reis catholicos, em um penoso cerco que lhe pozeram, a 27 de abril de 1487, e n'elle se distinguiu Pedro Navarro que se tornou celebre por seus feitos.

Conserva ainda notaveis edificios religiosos parte dos quaes de construcção dos mouros, e consagrados para o culto christão. Tem um magnifico palacio municipal, obra do seculo XIV.

C. A.

A PROPOSITO DOS TERRAMOTOS

Dios queda en el fondo de los espacios y en el seno de las consciencias.

Emilio Castelar.

¡Á Granada!
Viejo y pobre, ya no vivo
Para el mundo, ya no canto:
Sólo puedo inútil llanto
Derramar ya sobre ti:
Miserable lenitivo
De mis ánsias postrimeras
Fuera, si caes, que cayeras
¡Oh Granada! sobre mi.

José Zorrilla.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores 50 a 56 — Lisboa.